
Formando formadores em um contexto de jornalismo Pós-industrial: aspectos introdutórios para a construção de uma proposta de formação docente¹

João Guilherme de Melo PEIXOTO²
Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar *insights* para a construção de uma proposta de formação docente continuada com foco no desenvolvimento de competências e habilidades do jornalismo Pós-industrial. Tal proposta tem por justificativa a necessidade de adaptação da grade curricular dos cursos de jornalismo nacionais às características do cenário comunicacional contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Pós-industrial; Inovação; Formação Docente; Metodologias Ativas.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Castells (2001), a criação de novos conhecimentos na ciência, tecnologia e administração, atrelada à disponibilidade de profissionais de alto nível de educação como também a existência de empresários capazes e com disposição para assumir os riscos de transformar projetos inovadores em desempenho empresarial (LONGHI, 2017, p. 22) representam fatores os quais apontam para um contexto de transição Pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2012). Se no final do século XX uma das preocupações mais evidentes para o universo jornalístico residia no fato de construir uma estratégia sólida e financeiramente viável de “passagem” para o digital (SILVA JUNIOR, 2012; QUINN, 2005; SALAVERRÍA et al., 2008), hoje os desafios são outros. E não são poucos (PEIXOTO, 2020).

Os jornalistas agora têm acesso a muito mais informações do que antes, como resultado de tudo, desde o movimento de transparência

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação Social pela UFPE, com estágios de pós doutoramento pelo Center for Internet Studies and Digital Life (Universidad de Navarra - Espanha) e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Atualmente, realiza estágio de pós doutoramento no Centro de Informática da UFPE. Professor permanente do Mestrado em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e nos cursos de graduação em Fotografia e Jornalismo. Coordenador do MBA em Gestão e Comunicação da Inovação no Setor Público (Católica Business School). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Createch - Tecnologias Aplicadas ao Desenvolvimento de Soluções e Produtos em Indústrias Criativas. É servidor público do Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE), onde atua na Escola Judicial de Pernambuco (Esmape) coordenando ações de formação no Instituto de Desenvolvimento de Inovações Aplicadas ao Tribunal de Justiça de Pernambuco (IDEIAS TJPE). Email: joao.peixoto@unicap.br

até a disseminação de redes de sensores. Eles têm novas ferramentas para criar formas visuais e interativas de explicação. Eles têm maneiras muito mais variadas de alcançar o público - a onipresença da pesquisa, o surgimento de fontes semelhantes ao fluxo (a linha do tempo do Facebook, todo o Twitter), o wiki como um formato para incorporar novas informações. Todos esses desenvolvimentos expandiram como o público pode obter e processar as notícias. (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2012, p. 14)

Visto isso, pode-se apontar como perguntas norteadoras para essa proposta de artigo: quais processos e protocolos devem ser desenvolvidos na formação jornalística acadêmica em um contexto pós-industrial? E como estruturar uma proposta de formação docente continuada a qual ofereça subsídios teóricos e metodológicos para os processos de planejamento, execução, monitoramento e avaliação dos resultados obtidos a partir dessa formação?

2. O JORNALISMO EM CENÁRIO PÓS-INDUSTRIAL

Ao analisar as dinâmicas operacionais relacionadas à prática jornalística contemporânea, pode-se observar que novos protocolos associados à inovação no desenvolvimento de produtos, processos, como também nas práticas de gestão de pessoas e de conteúdo incorporam características salutares para a compreensão dessa atividade em mutação (PEIXOTO, 2020).

Em outras palavras: novos formatos de produção, distribuição/circulação, consumo e financiamento "oxigenam" os atuais modelos vigentes de desenvolvimento da atividade jornalística. Ademais, para Spinelli (2017, p. 66), as empresas informativas e os produtores de informação se confrontam com as transformações do ecossistema midiático e precisam gerar processos criativos e inovadores para sustentar um jornalismo que tenha valor para a sociedade (PEIXOTO, 2020).

os veículos midiáticos parecem estar criando seus próprios centros de inovação, estudando seus públicos para compreender quais formatos ou linguagens têm mais apelo e investindo em um Jornalismo entre o segmentado e o personalizado, ao invés de se manter necessariamente como uma mídia de massa homogeneizada que procura equilíbrio para atingir o maior número de pessoas possível (LONGHI, 2017, p. 38).

Dessa forma, pode-se atentar que tais rearranjos na atividade jornalística nas sociedades contemporâneas, no que se refere à cadeia de criação, têm por objetivo, por exemplo, aproximar os processos de produção de conteúdo de novos formatos

narrativos os quais procuram impactar a audiência por meio do uso de recursos cada vez mais complexos no que diz respeito tanto ao formato como ao material projetado (PEIXOTO, 2020).

Programação, análise de dados, *Social Media Analytics*, *Storytelling*, *User Experience*, inteligência artificial. Tais temáticas (e diversas outras) representam habilidades as quais fazem parte da rotina produtiva de redações jornalísticas as quais já compreenderam que para inovar, é preciso estar atento às transformações da sociedade como um todo. De acordo com Royal (2020), novas funções surgiram no jornalismo as quais têm por base de operacionalização o desenvolvimento de produtos de mídia que incorporam engajamento do público, interatividade, multimídia e apresentações de dados. Ainda de acordo com a autora:

Se você é um educador de jornalismo ou profissional de mídia, tenho uma notícia para você: Trabalhamos com tecnologia. Eu sei: não é exatamente para isso que você se inscreveu quando entrou na profissão, há 20, 10 ou mesmo cinco anos. Mas as coisas mudaram. Embora alguns dos princípios da profissão que antes conhecíamos como jornalismo tenham permanecido, os fluxos de trabalho, as práticas de negócios, os participantes e os concorrentes são todos muito diferentes. Porque trabalhamos com tecnologia. As tecnologias da Internet e da web não representam apenas um novo meio onde impresso e multimídia podem conviver em harmonia. As maneiras como nos comunicamos pessoal e profissionalmente foram profundamente alteradas. Comunicação é tecnologia e tecnologia é comunicação. Essa é a verdadeira convergência. (ROYAL, 2020)

Visto isso, a procura por inovação no universo jornalístico pode ser apontada como um dos desafios mais impactantes das duas últimas décadas para a profissão (FRANCISCATO, 2010; CARVAJAL PRIETO, 2014; JARVIS, 2015). A "introdução de novidades ou a alteração do que já estava estabelecido, com novas combinações", como aponta Schumpeter (1961, p. 75), a incorporação de um "pacote de atributos muito diferente daquele que os clientes tradicionais historicamente valorizam", como afirma Christensen (1997; 2003), ou mesmo um "processo através do qual aplicamos os nossos conhecimentos para aumentar a qualidade de vida, melhorar a competitividade das empresas e instituições econômicas, criar novas oportunidades para os cidadãos e famílias promoverem e enriquecerem as suas experiências sociais" (FUGGETTA, 2012, p. 02) permitem refletir sobre os caminhos pelos quais as empresas de mídia vem buscando desenvolver soluções para o setor. Novos desafios exigem, acima de tudo, novas formas de enxergar os problemas. (PEIXOTO, 2020)

Ademais, apresentar ao público consumidor/leitor/usuário produtos e serviços jornalísticos os quais despertem o interesse e a "disponibilidade" para o consumo destes afeta diretamente nos formatos de construção narrativa, de encadeamento dos processos de interação com o conteúdo, além da própria relação de custo e financiamento para concepção destes novos projetos (PEIXOTO, 2020).

Pode-se destacar que um dos principais fatores que precisam ser analisados quando se vislumbra compreender como a inovação "ataca" (ou reconfigura) as diversas cadeias de desenvolvimento do jornalismo contemporâneo é a inovação tecnológica. Entretanto, aqui vale a ressalva: ela é uma característica de ampla relevância, mas não é a única. Atribuir à tecnologia e as suas nuances todo o resultado de uma gama de processos os quais envolvem desenvolvimento gerencial, mercadológico e social é observar o fenômeno por lentes deveras míopes (CARVAJAL PRIETO, 2014). Segundo Franciscato (2010):

A inovação tecnológica indica, pelo termo, uma vinculação a procedimentos que envolvem geração ou aplicação de tecnologias no jornalismo. O desenvolvimento tecnológico por que tem passado as indústrias da mídia e, particularmente, o jornalismo, tem se acentuado nos últimos anos, tanto pelo processo de digitalização das ferramentas e conteúdos quanto pela conexão e disponibilização de produtos por redes telemáticas (FRANCISCATO, 2010, p. 12).

Ainda segundo Franciscato (2010, p. 15), a inovação tecnológica permite que condições sejam criadas para o desenvolvimento de: produtos jornalísticos de melhor qualidade, como também benefícios sociais da aplicação da tecnologia e uma maior interação entre a sociedade e as organizações jornalísticas. Destaca-se aqui o desenvolvimento de produtos jornalísticos, visto que, como se observa no Manual de Oslo, uma das principais referências para o estabelecimento de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação, tal desenvolvimento apresenta-se por meio de melhoramentos em aspectos de ordem técnica, de componentes e materiais, softwares ou através de alguma facilidade de uso ou outra característica funcional (PEIXOTO, 2020).

Em resumo: uma equação que, como apontado acima, não se fundamenta exclusivamente na adoção de novos protocolos tecnológicos digitais, mas sim no intenso diálogo entre os atores que fazem parte das cadeias de criação, circulação e consumo de informação (PEIXOTO, 2020).

3. METODOLOGIAS ATIVAS E INOVADORAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Arelado aos desafios alusivos às reconfigurações nas cadeias de produção, edição, circulação e consumo de conteúdo noticioso provocadas pelo modelo aqui já tipificado como "Jornalismo Pós-Industrial", os protocolos específicos concernentes aos processos de ensino e aprendizagem voltados à educação contemporânea também atravessam reformatações. De início, surgem os questionamentos: como estimular docentes e discentes em um contexto de educação superior no que se refere à formação direcionada aos novos desafios enfrentados pela sociedade? Como conectar características dos saberes formais e não-formais, muitas vezes dispersas na sociedade?

As universidades precisam mudar e evoluir para levar em conta um mundo que está mudando a uma velocidade nunca vista no passado. Para enfrentar esse desafio, as universidades não podem ser excessivamente tendenciosas ou limitadas por tradições e práticas consolidadas. Mudanças radicais exigem um repensar e questionar radicalmente a organização geral, o foco e o modelo operacional das universidades. Esta é uma pré-condição necessária para permitir uma inovação frutífera e profunda de muitos processos e práticas acadêmicas. (FUGGETTA, 2012, p. 07)

Constata-se, pois, que por meio do uso de Metodologias Ativas de Ensino/Aprendizagem, mesmo estruturas pouco inovadoras podem dar início a um processo de renovação pedagógica e educacional, o qual apresenta como ponto de ancoragem o desenvolvimento de protocolos mais inclusivos, participativos e dinâmicos.

Em contraposição ao método tradicional, em que os estudantes possuem postura passiva de recepção de teorias, o método ativo propõe o movimento inverso, ou seja, passam a ser compreendidos como sujeitos históricos e, portanto, a assumir um papel ativo na aprendizagem, posto que têm suas experiências, saberes e opiniões valorizadas como ponto de partida para construção do conhecimento. (DIESEL,; BALDEZ,; MARTINS, 2017, p. 274, p. 271)

Horn e Staker (2015) apontam para defasagens nos modelos tradicionais de ensino (também chamados “modelos industriais”), os quais influenciam diretamente nos resultados de aprendizagem dos estudantes. Já para Mattar (2017, p. 19), um dos erros mais comuns quando mencionamos o tema "Metodologias Ativas" é associá-lo ao desenvolvimento de tecnologias disruptivas, meios de produção virtualizados e demais

processos ligados à evolução das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Diferentemente dessa conceituação, o uso de metodologias, as quais têm por objetivo central estimular o fazer compartilhado em sala de aula (seja ela virtual ou não) remete não apenas ao desenvolvimento técnico, como também a processos de ordem comportamental. Ainda segundo o autor, tais dinâmicas educacionais:

convidam o aluno a abandonar sua posição de receptiva e a participar do processo de aprendizagem por novas e diferentes perspectivas, como decisor, jogador, professor, pesquisador e assim por diante; de alguma maneira, ele deixa de ser aluno. (MATTAR, 2017, p. 23)

Como visto acima, entre as principais características das Metodologias Ativas de Ensino/Aprendizagem destaca-se a participação efetiva e funcional do aprendiz, que passa a ter mais controle e protagonismo em sala de aula. Leitura, pesquisa, comparação, observação, imaginação, obtenção e organização dos dados, elaboração e confirmação de hipóteses, classificação, interpretação, crítica, busca de suposições, construção de sínteses e aplicação de fatos e princípios a novas situações, planejamento de projetos e pesquisas, análise e tomadas de decisões (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 274) são protocolos operacionalizados com frequência durante a utilização de metodologias como: Aprendizagem Baseada em Problemas e Aprendizado baseado em Projetos (ARAÚJO; GENOVEVA, 2009; MUNHOZ, 2019), Sala de Aula Invertida ou *Flipped Classroom* (BERGMANN; SAMS, 2012; CROUCH; MAZUR, 2012; HORN; STAKER, 2015) e *Design Thinking* (BROWN, 2009; FILATRO, 2018; TAVARES, 2016; STUMM, 2019; PEREIRA, 2017).

Visto isso, sobre as aplicações e possibilidades da Sala de Aula Invertida, vale destacar que a metodologia é assim definida pela *Flipped Learning Network* (2014):

A aprendizagem invertida é uma abordagem pedagógica em que a instrução direta se move do espaço de aprendizagem em grupo para o espaço de aprendizagem individual, e o espaço de grupo resultante é transformado em um ambiente de aprendizagem dinâmico e interativo em que o educador orienta os alunos conforme aplicam conceitos e se engajam criativamente em um assunto. (2014)

No que se relaciona à Aprendizagem Baseada em Problemas, metodologia desenvolvida pela Faculdade de Medicina da Universidade de McMaster, alunos aprendem em pequenos grupos e com professores-tutores a partir de problemas, para

identificarem e resolverem suas necessidades de aprendizagem (Mattar, 2017). A Aprendizagem Baseada em Problemas aprofunda o papel do docente como agente ativo de transformação social, evidenciado pela interação com o conteúdo desenvolvido pelos discentes a partir das problemáticas levantadas (CEZAR et al, 2010).

A Aprendizagem Baseada em Problemas trabalha situações-problema que devem ser o mais possível aproximadas de situações vivenciadas na prática e, além disso, capazes de contemplar várias áreas do conhecimento médico, ocorrendo, dessa forma, a interação/integração entre as disciplinas. Os problemas devem ser construídos para alcançar objetivos educacionais predeterminados, a serem discutidos pelos alunos em sessão tutorial, após busca individual. (CEZAR *et al*, 2010, p. 04)

Já para a Aprendizagem Baseada em Projetos tem por foco a aquisição de conhecimento e habilidades a partir da interação com as etapas de planejamento, execução e gestão de projetos. Segundo Bender (2014):

A abordagem da ABP encoraja os alunos a participarem do planejamento de projetos, pesquisa, investigação e aplicação de conhecimentos novos para que cheguem a uma solução para seu problema. Nesse sentido, a ABP assemelha-se aos problemas enfrentados na vida, pois muitas vezes não há uma estrutura organizada aparente que permita que se chegue a uma solução, e essa estrutura deve ser criada e imposta pelos próprios alunos na ABP. Esse tipo de aprendizagem força os alunos, ao trabalharem em equipes cooperativas, a criarem significado a partir do caos da superabundância de informações, a fim de articularem e apresentarem uma solução para o problema de forma eficaz. (p. 25)

Por fim, o *Design Thinking*, uma das abordagens mais populares da atualidade, tem por finalidade a busca de soluções a partir de um olhar colaborativo, inovador e criativo, com foco na compreensão das dores e desafios do usuário. De acordo com Brown (2009):

Ao escrever *Design Thinking*, tive em mente dois objetivos. O primeiro, convencer o leitor de que os métodos e habilidades desenvolvidas pelos designers ao longo de muitas décadas podem e devem ser usados para resolver os problemas mais importantes e mais desafiadores. O segundo, persuadi-lo, independentemente de sua profissão ou da função que desempenha, de que *Design Thinking* pode ser aplicado aos desafios de negócios que todos nós enfrentamos todos os dias. (BROWN, 2010, p.4).

3.1 DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO JORNALÍSTICA CONTEMPORÂNEA

A partir das características associadas tanto aos novos horizontes teóricos e práticos advindos das reconfigurações trazidas pelo modelo de jornalismo Pós-industrial, como também com base em um olhar mais atento para o uso das Metodologias Ativas de Ensino/Aprendizagem no ensino superior, faz-se necessário problematizar a abordagem pedagógica/instrucional utilizada em grande parte nos cursos de jornalismo das Universidades brasileiras.

Royal (2017) questiona protocolos que, muitas vezes, impedem a ativação de processos evolutivos necessários na estrutura organizacional dos cursos:

O que sua escola de jornalismo está fazendo, além de pequenos ajustes, para refletir o mundo da comunicação digital que está evoluindo rapidamente em torno dela? Que processos você está estabelecendo que permitirão que seu programa permaneça atualizado ao longo do tempo? O que está impedindo você de agir? São padrões de credenciamento, burocracia universitária ou interesse / competência do corpo docente? Seu departamento enfrenta outras prioridades que o atrapalham? (ROYAL, 2017)

No Brasil, tem-se como documento que orienta as adequações formativas necessárias aos cursos de jornalismo a Resolução no 1, de 27 de setembro de 2013, a qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Mais especificamente, em seus artigos 1º, 4º, 5º e 6º, observa-se uma preocupação em definir aspectos relacionados tanto às características focadas nos processos didático/metodológicos do curso como em habilidades e competências específicas as quais o estudante deverá adquirir no decorrer de sua formação.

Art. 4º A elaboração do projeto pedagógico do curso de bacharelado em Jornalismo deverá observar os seguintes indicativos: I - formar profissionais com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, produzindo assim seu aprimoramento; V - preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente. (BRASIL, 2013)

Todavia, vale destacar que não se pode intensificar o aspecto tecnológico concernente ao modelo de formação a ser desenvolvido. As transformações e reconfigurações das dimensões técnica, de linguagem e deontológica da atividade

jornalística perpassam aspectos de ordem social, econômica, de gestão, entre outros.

Segundo Royal (2018):

é mais do que apenas apresentar essas tecnologias novas e brilhantes. Trata-se de focar nas necessidades dos usuários, identificando e resolvendo problemas e tendo o insight e a exposição para saber o que é possível. (ROYAL, 2018).

Ainda sobre esta questão, Canavilhas (2009) discorre:

Contrariamente ao que se esperava, formar jornalistas para a era digital não significa apenas integrar mais conhecimentos instrumentais nos planos de estudos, mas sim repensar alguns conceitos fundamentais e adaptá-los a uma nova realidade profissional. Neste campo o jornalismo não se distingue das ciências exactas: primeiro é necessário dominar os conceitos para depois se aprenderem as técnicas que permitem solucionar os problemas. As redacções são bons locais para cimentar conhecimentos, mas não para adquiri-los, pelo que a fundamental abordagem transdisciplinar aos processos de comunicação só é possível no seio da academia. (CANAVILHAS, 2009, p. 55)

Visto isso, e a partir deste cenário analisado (mudanças na esfera jornalística que refletem uma realidade compreendida como pós-industrial atrelada ao uso de metodologias ativas e inovadoras de ensino e aprendizagem com foco no ensino superior), este artigo levanta alguns *insights* para a construção de uma proposta de formação docente a qual se encontre conectada aos reais desafios da profissão.

4. INSIGHT 01: FAZ-SE NECESSÁRIA A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DOCENTE PARA OS CURSOS DE JORNALISMO QUE SE CONECTE A UM MUNDO EM INTENSA TRANSFORMAÇÃO

O desenvolvimento de uma formação docente para os cursos de jornalismo, como visto acima, deve, necessariamente, passar por protocolos que dialoguem com uma realidade atual e complexa. E esta perspectiva transcende a compreensão do desenvolvimento tecnológico como o único fenômeno capaz de sintetizar tais transformações.

Sugere-se, portanto, buscar uma leitura crítica das grades curriculares dos cursos de jornalismo que aponte para os processos de reconfiguração da profissão a partir da incorporação de novas competências e habilidades. Tal processo é urgente e necessário. Programação, análise de dados, *Social Media Analytics*, *Storytelling*, *User Experience*,

inteligência artificial entre outros temas devem, necessariamente, estar em intensa conexão com outras temáticas, como: educação midiática, exclusão digital, *fake news* e democratização da mídia.

4. 1 INSIGHT 02: É PRECISO DESENVOLVER NOVAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE INTENSA E CONTINUADA

É salutar que tal proposta de formação docente incorpore também uma premissa essencial: que seja continuada, humanizada e com abordagens pedagógicas com foco na compreensão, uso e troca de experiências em metodologias ativas e inovadoras de ensino e aprendizagem, visto que tais abordagens contemplam um caminho interessante para uma leitura crítica e transformadora do mundo a partir das especificidades do fazer jornalístico.

Detalhando tal premissa: como continuada, entende-se que tal perspectiva aponta para uma necessária ressignificação das práticas pedagógicas a partir de um olhar coletivo e integrado de discentes, docentes e corpo administrativo das faculdades de jornalismo. Já no que diz respeito a uma formação humanizada, busca-se uma reflexão por parte de docentes sobre a sociedade em que vive, como também sobre toda a complexidade das realidades existentes. Por fim, reforça-se o uso de metodologias ativas de ensino aprendizagem, aliadas ativas durante todo o processo de construção de novos currículos e novas abordagens pedagógicas.

5. CONCLUSÕES

A partir dos debates aqui apresentados, fica evidenciada a necessidade de instituir programas de formação continuada nas universidades para o corpo docente dos cursos de jornalismo. Sobre o tema, dos Santos Junges e Behrens (2016) afirmam: "acredita-se que os cursos de formação de professores precisam articular e equilibrar os conhecimentos produzidos pela universidade e os saberes desenvolvidos pelos professores em sua prática cotidiana, ou seja, a conjunção da teoria e da prática (DOS SANTOS JUNGES; BEHRENS, 2016, p. 07).

Atrelada a isto, a incorporação de metodologias ativas e inovadoras voltadas ao curso de Jornalismo gerará impactos diretos e indiretos nos processos de ensino e de aprendizagem. Observa-se a perspectiva de geração de conteúdo inovador a partir das

novas dinâmicas executadas na grade de disciplinas do curso de jornalismo, as quais devem buscar, a partir de processos de ideação e prototipação, por exemplo, soluções para os desafios e as problemáticas características do ecossistema local de jornalismo.

Em resumo: o treinamento docente deve articular saberes os quais aproximem as dimensões do fazer e do pensar (BRIGHT, 2018), como foco na consolidação de um processo crítico de ensino/aprendizagem. Ou, como ensina Freire (1997): "Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém" (FREIRE, 1997, p. 23).

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism**: Adapting to the Present. New York: Columbia Journalism School, 2012. Disponível em: <<https://towcenter.org/research/post-industrial-journalism-adapting-to-the-present-2/>>. Acesso em: 10 jul. 2020

ARAÚJO, U. F.; GENOVEVA, S. **Aprendizagem baseada em problemas**. Sao Paulo: Summus, 2009.

BENDER, William. **Aprendizagem Baseada em Projetos: Educação Diferenciada para o Século XXI**. São Paulo: Editora Penso, 2014.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Flip Your Classroom**: reach every student in every class every day. Eugene, Oregon: ISTE, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução no 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14_242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 5 mai. 2020.

BRIGHT, Amanda C.. Making Instant Adjustments in Online Journalism Education: responding to continuous needs assessments in asynchronous courses. **Online Learning**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 245-253, 1 jun. 2020. The Online Learning Consortium. <http://dx.doi.org/10.24059/olj.v24i2.2034>. Disponível em: <https://olj.onlinelearningconsortium.org/index.php/olj/article/view/2034>. Acesso em: 05 maio 2020.

BRIGHT, Amanda. A Quality Look at Journalism Programs in Flux: the role of faculty in the movement toward a digital curriculum. **Teaching Journalism And Mass Communication**, Columbia, v. 8, n. 2, p. 1-10, jun. 2018. Disponível em: <http://www.aejmc.us/spig/journal>. Acesso em: 01 maio 2020.

-
- BROWN, Tim. **Design Thinking**: Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. [S. l.]: Alta Books, 2009.
- CANAVILHAS, João Manuel Messias. **Ensino do Jornalismo: o digital como oportunidade**. Universidade do Minho (Braga): Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). 2009
- CARVAJAL PRIETO, Miguel et al. **Ranking de innovación periodística 2014**. Espanha: Universidad Miguel Hernández, 2015
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Sindicato dos Nacional dos Editores de Livros, 2001.
- CEZAR, Pedro Henrique Netto et al. Transição paradigmática na educação médica: um olhar construtivista dirigido à aprendizagem baseada em problemas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 2, p. 298-303, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v34n2/a15v34n2>>. Acesso em: 27 set. 2020.
- CHRISTENSEN, C. M; RAYNOR, E. Michael. **The Innovator's Solution: Creating and Sustaining Successful Growth**. Boston, Mass.: Harvard Business School Publishing, 2003
- CHRISTENSEN, C. M. **The Innovator's Dilemma: When New Technologies Cause Great Firms to Fail**. Boston, Mass.: Harvard Business School Press, 1997.
- CROUCH, C. H.; MAZUR, E. **Peer Instruction**: Ten years of experience and results. *American Journal of Physics*, v. 69, p. 970-977, 2001.
- DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda; MARTINS, Silvana. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.268-288, 23 fev. 2017. Instituto Federal de Educacao, Ciencia e Tecnologia Sul-Rio-Grandense. <http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.268-288.404>. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>>. Acesso em: 27 set. 2020.
- DOS SANTOS JUNGES, Kelen; BEHRENS, Marilda Aparecida. Uma formação pedagógica inovadora como caminho para a construção de saberes docentes no Ensino Superior. **Educar em Revista**, n. 59, p. 211-229, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1550/155044835014.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2019.
- FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva, 2018.
- FRANCISCATO, C. E. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. **Geintec**, São Cristóvão, v. 4, n. 4, p. 1329-1339, jan. 2014.
- FRANCISCATO, C. E. Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 8-18, jun. 2010.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- FUGGETTA, Alfonso. 3+1 Challenges for the future of universities. **Journal Of Systems And Software**, [S.L.], v. 85, n. 10, p. 2417-2424, out. 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jss.2012.05.062>.

HORN, Michael; STAKER, Heather. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

JARVIS, J. **El fin de los medios de comunicación de masas**: Como serán las noticias del futuro? Barcelona: Grupo Planeta, 2015.

KOŁODZY, J.. **Convergence journalism**: Writing and reporting across the news media. Rowman & Littlefield, 2006.

LONGHI, R. R.; FLORES, A. M. M. Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera. Folha de S.Paulo. The Guardian. The New York Times e The Washington Post. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 21-40, abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201712>.

MATTAR, João. **Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MUNHOZ, Antonio Siemsem. **Aprendizagem Baseada em Problemas**. São Paulo: Cengage Learning, 2019.

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. Experiências inovadoras no fotojornalismo contemporâneo: o caso innovative storytelling do world press photo digital storytelling contest. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, [S.L.], v. 43, n. 2, p. 91-112, maio 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844202025>.

PEREIRA, Iverson et al. Aplicação do design thinking para educadores no desenvolvimento de uma solução inovadora. In: **Anais do Workshop de Informática na Escola**. 2017. p. 422.

QUINN, S. **Convergent Journalism**: the fundamentals of multimedia reporting. New York: Peter Lang Publishing, 2005.

ROYAL, Cindy *et al.* Product Management in Journalism and Academia. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, Columbia, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1077699020933872> Acesso em 01 jul. 2020

ROYAL, Cindy. **Managing Digital Products in a Newsroom Context**. 2020. Disponível em: <https://isoj.org/research/managing-digital-products-in-a-newsroom-context/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

ROYAL, Cindy. Prepare media students for skills not job titles. 2018. Disponível em: <https://www.niemanlab.org/2019/12/prepare-media-students-for-skills-not-job-titles/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

ROYAL, Cindy. **Preparing the digital educator-scholar hybrid**. 2016. Disponível em: <https://www.niemanlab.org/2016/12/preparing-the-digital-educator-scholar-hybrid/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

ROYAL, Cindy. **Your Journalism Curriculum is obsolete**. 2017. Disponível em: <https://www.niemanlab.org/2017/12/your-journalism-curriculum-is-obsolete/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

SALAVERÍA, R.; GARCÍA AVILÉS, J.A.; MASIP, P. **Periodismo Integrado**: convergência de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol90, 2008.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SILVA JUNIOR, J. A. Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência. **Discursos Fotográficos**, [s.l.], v. 8, n. 12, p.31-52, 16 maio 2012. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2012v8n12p31>.

SPINELLI, E. M. Tipos de inovação nas empresas informativas e a relevância da dimensão social. **Contemporânea**, Salvador, v. 15, n. 1, p.64-80, abr. 2017.

STUMM, Luana Cristina; WAGNER, Adriano. Uso da abordagem do design thinking na educação. **Boletim Técnico-Científico**, v. 5, n. 1, 2019.

TAVARES, Paulo Vitor et al. Design Thinking para Educadores: um Estudo de Aplicação da Perspectiva Currículo. **Revista EducaOnline**, v. 10, n. 3, p. 14-36, 2016.